

ESBOÇO DE UMA FENOMENOLOGIA DA VIOLÊNCIA

SEGUNDO HEIDEGGER

Felipe Ramos Gall

Mestrando em Filosofia pela PUC-Rio

Bolsista do CNPq

Resumo: Intenta-se aqui uma abordagem do tema da violência em seu sentido fenomenológico, e, portanto, ontológico, segundo a compreensão de Martin Heidegger. Ver-se-á que a violência, mais do que um problema social ou político, é, originariamente, um elemento estrutural do ser do homem.

O tema da violência é pensado, de modo geral, no âmbito da filosofia política e das ciências sociais. Nesse sentido, o questionamento direciona-se para as manifestações da violência na sociedade, na história, ou até mesmo pensa-se a violência como uma categoria política ou um aparelho estatal. Tais não serão o caso aqui. O que aqui se pretende é trazer à tona a essência da violência em seu sentido ontológico e, portanto, fenomenológico.

Como o título já aponta, deve-se ter em mente que tal exercício fenomenológico será aqui meramente esboçado, e que, por conseguinte, de modo algum intenta-se aqui esgotar o fenômeno da violência. Esboço, no entanto, não no sentido de um improvisado, de algo temporário feito apressada ou toscamente, mas sim no sentido etimológico da palavra grega *skhédios* (daí os termos *sketch*, no inglês, e *Skizze*, no alemão), que significa: aproximar-se, chegar perto de, quase alcançar.

Estabelecido isso, questionar-se-á, por conseguinte, a essência da violência. De modo geral, a pergunta pela essência de algo diz respeito a o *quê* a coisa é, sua *quididade*, ou, dito de outro modo, sua *natureza*. Não será esse o sentido de essência a ser considerado aqui. Não obstante, ainda esse sentido tradicional resguarda em si algo de originário. Pois, em que sentido pode a palavra *natureza* designar o que alguma coisa é? Certamente não no sentido habitual de natureza como meio ambiente ou como objeto cujas leis são estudadas pela física moderna. Natureza, *natura*, foi o modo como os latinos traduziram a palavra grega *phýsis*, termo utilizado pelos pensadores gregos para designar o ente em sua totalidade, e, por conta disso, recebeu a conotação de essência, pois diz o que algo é. Tal tradução, no entender de Heidegger, não é suficiente para expressar o conteúdo daquilo que os gregos pensavam com essa palavra. Qual seria, então, essa força designativa que se perde na tradução de *phýsis* por *natura*? De acordo com Heidegger, lexicalmente, *phýsis*, que vem de *phýo*, pode mesmo significar, tal como *natura*, nascer, gerar, crescer. No entanto, crescer aqui não tem nenhum sentido quantitativo, de se tornar mais ou maior.

O que diz então a palavra *phýsis*? Diz: o desabrochar, o emergir de dentro de si mesmo, (...) aquilo que ao abrir-se se desdobra, que se manifesta em tal desdobramento, nele se mantendo e permanecendo, em síntese: o vigorar que emergindo permanece (*das aufgehend-verweilende Walten*). (...) No entanto, a *phýsis*, o que emergindo vigora (*aufgehende Walten*) (...) não deverá ser entendida como um processo qualquer entre outros que observamos no ente. A *phýsis* é o próprio Ser, em virtude do qual o ente se torna observável e permanece¹.

O tornar-se observável do ente, manifestar-se, é dito em grego *pháínesthai*, de onde deriva o termo *phainómenon*, fenômeno. *Pháínesthai*, por sua vez, é a forma média/passiva de *pháino*, que significa “trazer para a luz do dia, pôr no claro. *Pháino* pertence à raiz pha- como, por exemplo, *phôs*, a luz, a claridade, isto é, o elemento, o meio, em que alguma coisa pode vir a se revelar e a se tornar visível em si mesma”². Fenômeno, portanto, é o *mostrar-se como* do ente, sua manifestação. Embora o conceito de fenômeno (e de manifestação) em Heidegger seja mais complexo que isso, esse sentido supramencionado bastará para o que aqui se intenta.

Ora, propõe-se aqui aproximar-se de uma fenomenologia da violência. Isso significa elucidar o modo de ser da violência, descrever sua essência, mas não, como dito, no sentido de um *quid*. “[A fenomenologia] não caracteriza a quididade real dos objetos da investigação filosófica mas o

¹ HEIDEGGER, M. **Introdução à Metafísica**, pp. 22-23.

² HEIDEGGER, M. **Ser e Tempo**, p.58.

seu modo, *como* eles o são”³. Tal questionar exige um certo percurso, um caminho que, como caminho, não existe previamente, pois só passa a existir enquanto e quando é caminhado. Assim, a questão da violência mesma surgirá apenas quando for encontrada neste trilhar. Retomando-o, tem-se, assim, que a pergunta pela essência levou à ideia de fenômeno. Fenômeno diz respeito ao modo como o ente, *tò ón*, vem à luz. Desse modo, alude ele tanto ao termo fenomenologia quanto ontologia, que, no fundo, querem dizer o mesmo: “Em seu conteúdo, a fenomenologia é a ciência do ser dos entes – é ontologia”⁴. Em ambos os casos, a relação com o *lógos* é evidente. Que significa *lógos*, portanto?

O primeiro sentido que vem à mente é aquele legado pela tradição, a saber: *lógos* significa palavra, verbo, discurso. Daí deriva a interpretação de *lógos* como “lógica”, o pensar propriamente dito, possibilitando, desse modo, a tradução de *lógos* por razão, pensamento.

No entanto – diz Heidegger – *lógos* originariamente não significa discurso, nem dizer. Esta palavra não tem no seu significado qualquer referência imediata à linguagem. *Legō*, *legein*, *legere* em latim é a mesma palavra que a alemã “*lesen*”; “*Ähren lesen*” (colher espigas), “*Holz lesen*” (juntar ou apanhar lenha), “*die Weinlese*” (a vindima), “*die Auslese*” (a seleção); “*ein Buch lesen*” (ler um livro) é apenas um derivado de “*lesen*” no seu sentido original. “*Lesen*” significa: pôr uma coisa ao lado de outra, juntá-las num conjunto, sem síntese: coligir,

³ *Idem, ibidem*, p. 57.

⁴ *Idem, ibidem*, p. 68.

Esboço de uma fenomenologia da violência segundo Heidegger
Felipe Ramos Gall
ANALÓGOS, Rio de Janeiro, Edição Especial, 2017
compilar, coleccionar (*sammeln*); ao fazê-lo, vai-se, ao mesmo
tempo, distinguindo uma coisa da outra⁵.

Por conseguinte, Heidegger concluirá que *lógos* significa, originariamente, “(re)união (re)unificante, i.é, o que estando (re)unido (re)une, o (re)unificante originário. *Lógos* não significa aqui nem sentido nem palavra, (...) significa: a (re)união originariamente (re)unificante que vigora constantemente em si mesma”⁶. Em uma palavra: harmonia. Harmonia, na mitologia grega, era a filha de Ares, deus da guerra em seu sentido violento e brutal, com Afrodite, deusa do amor e da beleza. Há, intrínsecamente, algo de violento e belo na harmonia, de acordo com os gregos. A concórdia por ela gerada é fruto de um conflito, uma luta ou guerra. Assim é o *lógos*: uma “união [que] nunca é um simples ajuntamento e amontoamento. Ela mantém o que tende a dissociar-se e contrapor-se retido numa co-pertença. Não o deixa desagregar-se em mera dispersão”⁷. Por não ser um reles ajuntamento, é belo; por manter retido aquilo que se contrapõe, é violento. Com efeito, Heidegger assevera:

Enquanto retenção, o *lógos* tem o carácter do que vigora de modo penetrante (*Durchwalten*), da *phýsis*. A (re)união não dissolve o que é dominado pelo vigor penetrante (*Durchwaltete*) num vazio de in-contrastividade (*Gegensatzlosigkeit*), retendo-o antes, a partir da união do que tende a opor-se, na máxima agudeza da sua tensão⁸.

⁵ HEIDEGGER, M. **Introdução à Metafísica**, p. 137.

⁶ *Idem, ibidem*, p. 141.

⁷ HEIDEGGER, M. **Introdução à Metafísica**, p. 148.

⁸ *Idem, ibidem*.

Ora, o que Heidegger está afirmando, na verdade, é que, enquanto unidade retentora em si mesma, o *lógos* é o próprio Ser. Daí ele afirmar que *lógos* possui o caráter da *phýsis*, onde *phýsis* também já havia sido compreendida como o Ser. Por conseguinte, *phýsis* e *lógos* são o *mesmo*. Todavia, o que entende Heidegger por “mesmo”? Será no sentido ordinário de igualdade? Certamente não. “Mesmo”, para Heidegger, significa: fazer parte da mesma experiência originária, o pertencimento comum que forma uma unidade entre eles. Dito de outro modo: *phýsis* e *lógos* são diferentes entre si, mas são o mesmo em relação a uma unidade originária, onde *phýsis* só é *phýsis* quando em comum pertencimento ao *lógos* e vice versa.

Ora, mas a harmonia reunida do ser que vigora não é justamente o ente que se mostra, ou seja, o fenômeno? Ademais, dado que “o conceito oposto de fenômeno é o conceito de encobrimento”⁹ e, dado que Heidegger entende a verdade, ontologicamente, como *alétheia*, des-encobrimento (*Un-verborgenheit*), pode-se concluir, de modo talvez apressado mas não arbitrariamente, que *phýsis*, *lógos*, *pháinesthai* e *alétheia* são o *mesmo*.

A verdade (*alétheia*), no entanto, nunca é, para Heidegger, um estado de fato. O que está aí de fato, presente, já está desde sempre na verdade. A verdade mesma é o vir à luz, o manifestar-se do ser, o perene vir à presença dos entes. Nesse sentido, a verdade não só não é um estado de fato, mas, antes, o fundamento de todo e qualquer estado de fato. O irromper do ser é um acontecimento reservado a um ente privilegiado, a um ente que, ôntico, é ontológico, isto é, sendo, é também ser. Heidegger chama esse ente de

⁹ HEIDEGGER. M. *Ser e Tempo*, p.66.

Dasein, “presença” ou “ser-aí”, que é o ente que nós mesmos já sempre somos originariamente. O *Dasein* é o ente capaz de compreender o ente enquanto ente, e esse *enquanto* é aí decisivo: enquanto significa ligação, abertura. O acesso ao ente enquanto tal diz, portanto, que o *Dasein* é ligado e aberto ao ser. Abertura é outro modo para se dizer verdade. Abertura, pois, é interesse, em duplo sentido: é interesse porque as coisas já sempre importam, há já sempre uma compreensão de ser e uma lida com as coisas, e é *inter-esse*, o entre-ser no qual já se está sempre dentro. No entanto, esse sentido originário do homem, enquanto tal ente dotado de *Dasein*, perde-se ao defini-lo, tal como o faz a tradição, como *dzôon lógon ékhon*, isto é, *animal rationale*, animal racional. Heidegger assevera que

Nesta definição do homem consta o *lógos*, embora de uma forma absolutamente irreconhecível e num contexto muito estranho. (...) [Tal definição] é, no fundo, zoológica. (...) todavia, no âmbito *dessa* definição edificou-se a doutrina ocidental do homem, toda a psicologia, ética, gnoseologia e antropologia. (...) Mas sendo uma definição toda portadora (*alles tragende*) do homem já uma decadência, para nem sequer se falar da sua posterior interpretação, é por isso mesmo que, enquanto pensarmos e interrogarmos dentro da órbita de visão por ela pré-traçada (...) [não teremos] acesso ao espaço em que acontece o aparecimento inicial e a consolidação da essência do homem¹⁰.

Com efeito, buscando uma aproximação mais originária do Ser do homem, Heidegger recorrerá não ao pensamento filosófico, mas sim a uma

¹⁰ HEIDEGGER, M. *Introdução à Metafísica*, pp. 156-157.

experiência grega fundamental poético-pensante (*dichterisch-denkend*), qual seja: a tragédia *Antígona*, de Sófocles. O primeiro coro (vv. 332–375) começa assim: “Múltiplo é o estranho, nada, porém,/para além do homem, de mais estranho há”¹¹. O termo ali traduzido por “estranho” é, na tradução alemã feita por Heidegger, *Unheimlich*. “Estranho”, entretanto, é apenas um dos sentidos que esse termo possui em alemão. *Das Unheimliche* pode significar, além de estranho e incrível, também inquietante, sinistro, lúgubre, medonho. Contudo, qualquer que seja o termo escolhido para a tradução do termo, o homem seria o superlativo disso.

O homem é, numa palavra apenas: *tò deinótaton*, o que de mais estranho há. Este dizer concebe o homem pelos extremos limites e mais profundos abismos do seu Ser. (...) Somente a um idear poético-pensante se revela um tal Ser. (...) A palavra grega *deinón* e a nossa tradução necessitam aqui de uma explicação prévia. (...) Uma vez, *deinón* significa o terrível, mas não os pequenos terrores e, muito menos, tem aquele significado decadente, parvo e inútil com que hoje se usa entre nós a palavra, quando se diz ‘terrivelmente engraçado’ (*furchtbar niedlich*). *Deinón* é o terrível no sentido do vigorar imperar modo imponente (*-s überwältigende Walten*), o que provoca, de modo igual, o medo pânico (*panischer Schrecken*), o verdadeiro pavor (*Angst*), como o temor (*Scheu*) discreto, concentrado e vibrando em si mesmo. A imponência (*-s Gewaltige*), o vigorar de modo imponente (*-s Überwältigende*) é o caráter essencial do próprio vigorar (*-s Walten*). Onde este irrompe, *pode* manter em si o seu poder imperioso. Todavia, não se torna por isso mais inofensivo, tornando-se antes *ainda* mais terrível e distante¹².

¹¹ *Idem, ibidem*, p. 161.

¹² *Idem, ibidem*, p. 165.

Deve-se aqui atentar para o fato de Heidegger enfatizar os termos *Walten* (vigorar, regra, norma, prevalecer), *Gewaltige* (imponente, tremendo) e *Überwältigende* (esmagador, opressivo, colossal). Todos esses termos estão relacionados a *Gewalt* (violência, poder).

Outra vez, porém, *deinón* significa a imponentia no sentido daquilo que necessita e usa o poder da força e violência (*Gewalt*), que não só dispõe do poder da violência como também o aplica, agindo com violência (*gewalt-tätig*) sendo violento, na medida em que o uso da violência não só é feição fundamental do seu agir como também da sua existência¹³.

Por conseguinte, a *phýsis*, o ente no seu todo no sentido daquilo que vigora, é a imponentia, o *deinón* no primeiro sentido. O homem, por sua vez, também é *deinón* na medida em que permanece exposto a esta imponentia, já que pertence essencialmente ao Ser. No entanto, por outro lado, o homem também é *deinón* em outro sentido e ao mesmo tempo, porque ele é, tal como supracitado, aquele que age com violência. Ele, estando em consonância com o *lógos* (homologia), reúne o que vigora e permite que este se abra, entrando na evidencialidade. O homem é aquele que age com violência, não para além e ao lado de outros, mas apenas no sentido em que usa, com base no seu agir com violência, o poder da violência contra a imponentia, isto é, o vigorar o Ser. Destarte, “pelo fato de num sentido originariamente uno ser duplamente *deinón*, o homem é *tò deinótaton*, o

¹³ *Idem, ibidem*, p. 166.

mais violento: agindo com violência no meio da imponentia”¹⁴. Heidegger, contudo, chama a atenção para o fato de que

Atribuimos aqui à palavra ‘violento’ um sentido essencial que extravasa de modo fundamental o significado habitual da palavra, segundo o qual quase sempre se quer dizer brutalidade (*Rohheit*) e arbitrariedade (*Willkür*). Neste caso, a violência é vista a partir do contexto em que o critério da existência é constituído com base no acordo do compromisso e da mútua assistência e em que, por conseguinte, qualquer forma de violência é necessariamente avaliada, de modo depreciativo, como interferência perturbadora e infractora¹⁵.

No fundo, o que Heidegger quer dizer é que essa violência, esse agir violentamente e esse vigor imponente devem ser entendidos ontologicamente, e não ônticamente. A violência ôntica, que é o sentido habitual do termo, dá-se justamente quando ocorre a *hýbris* do homem proclamar-se “senhor da Terra”, compreendendo-se como sujeito agente cuja vontade própria é a causa da sua ação. Para Heidegger, o último estágio da metafísica ocidental, a era da técnica moderna, nada mais é do que a expressão máxima desse desequilíbrio. A interpretação do homem como animal racional, onde o que importa é apenas elevar essa racionalidade, fez com que a vontade do homem se tornasse uma vontade de assenhorar-se do Ser. A vontade de poder nietzscheana, nesse sentido, vira uma vontade de vontade, isto é, querer o querer. É esse homem do humanismo, é dizer, o homem entendido como animal racional, que Nietzsche diz que deve ser superado. Tal homem é designado por Zaratustra como o *último homem* (*der*

¹⁴ *Idem, ibidem*, p. 166.

¹⁵ *Idem, ibidem*.

letzte Mensch), o mais desprezível dos homens. Ele deve ser superado para a vinda do super-homen (*Übermensch*).

Mas de onde vem o clamor pela necessidade do super-homem? Por que o homem não é mais suficiente? Porque Nietzsche reconhece o instante histórico em que o homem se prepara para entrar na total dominação da Terra. Nietzsche é o primeiro pensador que, considerando a história do mundo tal como esta pela primeira vez nos chega, coloca a pergunta decisiva e a pensa através de toda sua amplitude metafísica. A pergunta é: o homem enquanto homem, em sua constituição de essência até hoje vigente, está preparado para assumir a dominação da Terra? Se não, o que então precisa acontecer com o homem atual, de modo que ele se “submeta” à Terra e assim cumpra a palavra de um velho testamento? Não será preciso conduzir o homem atual para *além* de si mesmo, para poder corresponder a esta missão?¹⁶

A missão, o destino do homem atual, do homem da técnica, é “submeter-se à Terra” ao invés de querer operar o contrário, ou seja, submeter a Terra à sua vontade, ao seu querer. Submeter-se aqui significa: obedecer, saber ouvir. Só quando o homem encontra-se no vigor imponente, violento do Ser, é que ele encontra-se a si próprio. Heidegger assevera que

A enorme distância em que o homem se encontra deslocado da sua própria essência é-nos denunciada pela opinião que ele nutre de si mesmo como aquele que inventou e pôde inventar a linguagem e a compreensão, a edificação e a poesia. Como é que o homem poderia sequer ter inventado o que vigorando o impregna, o envolve, tratando-se afinal aquilo pelo qual ele próprio apenas pode *ser* homem? (...) Antes, pelo contrário, a linguagem, a compreensão, a disposição, a paixão e a

¹⁶ HEIDEGGER, M. *Quem é o Zarathustra de Nietzsche?* In: _____. *Ensaios e conferências*, p. 91.

edificação não pertencem em menor grau ao vigor imponente do que o mar, a terra e o animal. A diferença consiste unicamente no fato de este vigorar imponentemente em torno (*umwalten*) do homem, suportando-o, impelindo-o e compelindo-o, enquanto que aquele vigora através dele (*durchwalten*), impregnando-o como aquilo que o homem, como o ente que é, tem de assumir por conta própria¹⁷.

Este encontrar-se a si próprio, assumir o seu próprio ser, nada mais é do que assumir aquela violência do que age violenta e imponentemente. A vida deve vigorar não só ao derredor, como também através do homem. O homem deve ser o pastor e o porta-voz do Ser, o arauto da vida. Quando o homem age violentamente nesse sentido, ele não exerce nenhuma brutalidade nem arbitrariedade de sua vontade, mas ele subjuga, explora, domina e captura em si mesmo a abertura do ente *enquanto* tal ou qual coisa. Ele abre-se ao Ser enquanto desvelamento sendo forte, e por isso o verdadeiro só se dá para os fortes.

Só quando tivermos entendido que o uso da violência na linguagem, na compreensão, na formação, cria também (*mit-schaffen*) – que significa sempre pro-duz (*her-vor-bringen*) – o ato violento de abrir caminhos para o ente circunstante, só então compreenderemos a estranheza de tudo aquilo que age com violência¹⁸.

É pelo fato de o homem estar e agir no *lógos*, na reunião, é que ele pode ser aquele que reúne o vigor imperante da *phýsis*. Ele assim assume e

¹⁷ HEIDEGGER, M. **Introdução à Metafísica**, pp. 172-173.

¹⁸ *Idem, ibidem*, p. 174.

exerce a gerência desse vigor imponente. É a partir desse ímpeto do vigor imponente que a palavra, o nomear “repõe o ente que se abre no seu Ser e mantém-no nessa abertura, delimitação e consistência”¹⁹. Também a linguagem, enquanto *lógos*, é co-originariamente violenta. É a essa linguagem que o homem deve apurar os ouvidos, para, ouvindo, obedecer. Esse é o sentido da terra.

Desse modo, quando Zaratustra questiona: “A hora chega – a hora em que sinto frio e estremeço, que pergunta, pergunta e pergunta: ‘Quem tem coração bastante para isso? – quem deverá ser o senhor da terra? Quem dirá: *assim* deveis correr, grandes e pequenos rios!’”²⁰, sempre haverá duas respostas possíveis. O homem moderno responderá: “Eu!”. Mas a real resposta de Zaratustra, o porta-voz da vida, é: “Senhor da Terra há de ser aquele que obedece ao sentido da Terra”.

Referências bibliográficas

HEIDEGGER, M. **Ensaios e conferências**. Trad. Emmanuel Carneiro Leão, Gilvan Fogel e Marcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis: Vozes, 2001.

_____. **Introdução à Metafísica**. Trad. Mário Matos e Bernhard Sylla. Lisboa: Instituto Piaget, 1997.

¹⁹ *Idem, ibidem*, p. 189.

²⁰ NIETZSCHE, F. **Assim falou Zaratustra**, p. 304.

Esboço de uma fenomenologia da violência segundo Heidegger

Felipe Ramos Gall

ANALÓGOS, Rio de Janeiro, Edição Especial, 2017

----- **Ser e Tempo**. Trad. Márcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis: Vozes, 2006.

NIETZSCHE, F. **Assim falou Zaratustra**. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.